

O SUJEITO EM CONSTITUIÇÃO E O TRAUMÁTICO – ECOS DA VIOLÊNCIA¹

THE SUBJECT IN FORMATION AND THE TRAUMATIC – ECHOES OF VIOLENCE

EL SUJETO EN CONSTITUCIÓN Y EL TRAUMÁTICO – ECOS DE LA VIOLENCIA

Fernanda Dornelles Hoff²

Resumo: Os acontecimentos traumáticos da cultura em que estamos inseridos fazem rasgos importantes nas tramitações dos encontros entre o sujeito do porvir e os cuidadores amorosos. O trabalho a seguir se dispõe a um estudo sobre os movimentos constitutivos do sujeito e a teoria do trauma, tendo como dispositivo a violência às escolas, ocorrências que ferem o pacto humano do amparo de uns aos outros e da preservação da vida. A partir dos enlaces entre a teoria e os acontecimentos traumáticos, propomos uma reflexão sobre os movimentos pulsionais e estruturais do sujeito psíquico.

Palavras-chave: Violência. Ação específica. Pulsão. Recalcamento. Construção subjetiva.

Abstract: The traumatic events of the culture to which we belong leave important marks in the proceedings of the meetings between the subject of the future and loving caregivers. The following work provides a study of the moments that constitute the subject and theory of trauma, having as a trigger violence in schools, which violate human pacts of supporting each other and preservation of life. From the links between theory and traumatic events, we propose a reflection about the pulsional and structural movements of the subject.

Keywords: Violence. Specific action. Drive. Repression. Subjective construction.

Resumen: Los eventos traumáticos de la cultura a que pertenecemos dejan huellas importantes en el desarrollo de los encuentros entre el sujeto del futuro y los amorosos cuidadores. El siguiente trabajo se propone un estudio de los movimientos que constituyen el sujeto y la teoría del trauma, teniendo como detonante la violencia en las escuelas, que viola los pactos humanos de apoyo mutuo y preservación de la vida. A partir de los vínculos entre teoría y eventos traumáticos, proponemos una reflexión sobre los movimientos pulsionales y estructurales del ser psíquico.

Palabras clave: Violencia. Acción específica. Pulsión. Represión. Construcción subjetiva.

¹ Trabalho apresentado na Jornada Bianual da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul - Elos Entre Nós: Desafios e Potencialidades dos Vínculos na Atualidade (2023).

² Psicóloga e Psicanalista. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, coordenadora de seminários e supervisora da Formação. Membro da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, sendo representante do Núcleo de São Leopoldo na Rede da Primeira Infância desse município. Fundadora do Grupo Rede de Conversas Lúdicas.
E-mail: fernandadh@gmail.com

ECOS DA VIOLÊNCIA E O SUJEITO EM CONSTITUIÇÃO

A primeira coisa que ela me falou foi: “papai, eu tava no pátio e eu vi quando ele pulou o muro com um martelo e uma faca... eu corri pra profe, mas eu vi quando ele deu com o martelo na cabeça do E.” – minha filha tá bem fisicamente, graças a deus, mas emocionalmente ela tá destruída... como eu vou tirar isso da cabeça da minha filha?
(CALDAS; GOMES, 2023)

A fala comovente é de um pai após buscar sua filha de cinco anos na creche, em Blumenau, no dia 5 de abril de 2023 – escola que sofrera um atentado, no qual quatro crianças foram mortas e outras quatro ficaram feridas. Por um lado, o alívio ao poder abraçar a filha; por outro, a dor por esta ter sido expectadora de um cenário de terror, borrando o ritmo do amparo que um pai pode dedicar ao filho(a), bem como ao confiar os cuidados à instituição escolar.

Nos últimos tempos, podemos observar que as escolas têm sido alvo de atentados violentos. Frente a isso, cabe ressaltar que, quando o lugar de ampliação dos vínculos afetivos, aprendizado, crescimento, socialização e diversidade sofre tamanha violência, promove perplexidade. O Serviço de Psicologia Escolar da USP contribui para esse contexto com reflexões:

O fato desses eventos ocorrerem em escolas merece atenção. A escola é, em nossa sociedade, espaço de transmissão do legado humano, de cuidado e formação de novas gerações e de manutenção da cultura humana... A escola é nossa resposta social à barbárie; um ataque à escola serve à barbárie (MACHADO; FONSECA, 2023).

Quando a barbárie está em cena, perdemos as referências e, sendo a escola atacada, princípios são afetados, o espaço de transmissão e o cuidado ao sujeito do porvir ficam borrados. A confiança de uns sobre os outros fica ameaçada quando o humano rompe a ética de manutenção da vida.

Embora não seja o propósito desta reflexão, é preciso dizer que seria um tanto reducionista pensarmos que a causa de tamanha brutalidade estaria apenas na loucura de um sujeito. Tivemos, em janeiro último, por exemplo, invasões nos prédios do governo federal, por desaprovação do resultado de uma eleição democrática, cenário este em que a racionalidade se sobrepôs à ética. Vemos quebrado o pacto de respeito ao outro e às leis que nos cercam, sendo a preservação dos feitos humanos desconsiderada e, inclusive, a morte presentificada quando o impulso toma a cena sem que o outro seja visto.

Voltando ao pai citado acima, podemos pensar que querer tirar, apagar da memória da filha a tragédia vivenciada está de acordo com a proteção de um cuidador amoroso, ocupando-se dos efeitos de assistir à tamanha brutalidade com outras crianças, que foram violentadas e mortas. Conforme Lévinas (2005), a humanidade se dá a partir de uma ética, a consideração do outro, *alter*, o que está fora de mim, e por quem me sinto responsável. Portanto, a humanidade nos torna capazes de ter responsabilidade perante o outro, quando um se sensibiliza frente a este outro que é igual a si mesmo, porém, diferente com sua face, sua expressão. Isso se dá desde os cuidados primordiais, com o amparo e o empréstimo, com a dedicação voltada ao alívio da dor, como o pai que nos fala. Mas que efeitos ocorrem quando a violência está em cena na cultura em que o sujeito do porvir está inserido?

O impacto causado pela violência de alguns feitos humanos promove a dor ao ferir a ética de respeito ao outro e de preservação da vida. A cultura em que estamos inseridos produz ecos. Faz-se necessário, diante disso, resistir à banalização da violência. Sem o cuidado e a proteção de uns sobre os outros não há humanização. A imprescindível presença do semelhante faz o organismo que nasce se subjetivar. Não basta nascer para viver.

Partimos do raciocínio freudiano em *Projeto para uma psicologia científica* (1980c), em que Freud faz uma ligação entre o desamparo com que o humano chega ao mundo e a construção de valores morais. Nomeia como ações específicas as realizações do cuidador ao atender àquilo que é uma necessidade específica do bebê a cada momento. Diz-nos Freud:

O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para o estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo dos seres humanos é a fonte de todos os motivos morais (FREUD, 1980c, p. 336).

O semelhante, experiente, ao sanar o desconforto da fome, do frio ou das dores que o organismo promove, possibilita a satisfação, e com esta imprime marcas da sua sexualidade, fundando a pulsão. As ações específicas realizadas pelo semelhante ao acalantar o bebê possibilitam a sua humanização. Ao ser cuidado e amado, aos poucos o pequeno ser constitui-se como sujeito ético, reconhecendo o outro humano. Diz-nos Silvia Bleichmar, em *La subjetividad en riesgo* (2005, p. 13):

Hay que ver a un niño pequeño ofreciendo su propia comida a la madre, su dedo chupado al otro para que comparta el placer de ese objeto maravilloso de su posesión, para vislumbrar como el narcisismo originario conlleva, simultáneamente a los modos mimético-especulares que generan a la relación al otro, el origen del reconocimiento y la oblación.

Em outras palavras, o pequeno bebê vem ao mundo com necessidades orgânicas e na trama que se dá no encontro com o cuidador se humaniza, tornando-se sexuado. O cuidador primordial dá de mamar, e com sua sexualidade imprime algo, fundando a pulsão. Com isso, põe o sujeito que nasce na lógica da humanização, constituindo-se enquanto sujeito singular. A partir da mediação psíquica de quem lhe cuida e ama, passa a considerar o outro em cena, marca que possibilita a alteridade e a ética como posição do sujeito. Silvia Bleichmar (2006) entende ser a partir da intersubjetividade que o sujeito ético se constrói, através do modo como o adulto exerce o cuidado, ao mesmo tempo que inscreve a sexualidade, faz a pauta social, sendo referência à criança.

Desse modo, a relação com o outro e com o mundo se dá através de desejos. E nessa trama entre objeto de satisfação a quem dirige suas demandas numa constante troca, o sujeito encontra um lugar para si. O humano enquanto ser social e político atravessado pela cultura faz do sujeito um ser insaciável, portanto, com satisfações e frustrações, amores e desamores, conforto e dor.

Em *O mal-estar na civilização* (1980b), Freud aponta como sendo as fontes do sofrer as forças da natureza, as fragilidades do corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade.

A cultura está em cena quando o humano busca proteção às fontes do sofrer, estando aí implicadas a socialização e a criatividade. No entanto, a complexidade humana nem sempre dá conta do cuidado e da proteção de uns sobre os outros, muitas vezes a violência e a destrutividade se presentificam em atos humanos.

O TRAUMÁTICO E OS MOVIMENTOS PULSIONAIS

Freud esteve, durante sua obra, ocupado em esclarecer os efeitos da violência sobre o psiquismo, tanto na primeira teoria das pulsões, na qual desenvolve os conceitos de pulsões do ego e pulsões sexuais, como na segunda teoria, em que postula os conceitos de pulsão de vida e morte.

Freud propõe, na primeira teoria do trauma, anterior a 1920, que os movimentos do sujeito seguem na direção da busca de satisfação regidos pelo princípio do prazer, e abandona a ideia de que a sedução real seria a causa do traumático. Sua autoanálise contribui nessa direção, e as fantasias infantis e o Édipo entram em cena. No entanto, permanece a ideia de que, diante de intensidades excessivas, o psiquismo não dá conta do volume transbordante que o ataque exterior assume em situações de abuso ou violência, impossibilitando a metabolização psíquica. É a necessária presença assimétrica entre adultos e crianças, a diferença de lugares, o que possibilita a mediação entre objeto externo e sujeito em constituição no caso das crianças. Na segunda teoria do trauma, em *Mais além do princípio do prazer* (1980a), a partir dos sonhos traumáticos e do brinquedo do Fort-da, o jogo do carretel realizado por seu neto, reproduzindo a ausência da mãe no ir e vir do objeto com o qual brinca, Freud entende que há algo que insiste, que é mortífero e precisa ser direcionado à vida, organizado, o que se dá a partir do encontro com o semelhante que empresta, através dos cuidados, sua força vital, a energia sexual. O jogo do Fort-da é impulsionado pela repetição, mas pode abrir a possibilidade de a criança elaborar com o afastamento e a aproximação do carretel o ir e vir da mãe.

Em uma atividade de intervenção, intitulada “Tapete de Carretéis”, em um museu da cidade, o Núcleo de São Leopoldo da Sociedade de Psicologia do RS, inspirado no jogo de Freud, oferece um espaço lúdico à comunidade, em um dia festivo, dispondo carretéis em um tapete. A menina que chamaremos de lara, tendo em torno de seis anos, aproxima-se com sua mãe do grupo que brinca com os carretéis. Conta-se quem foi Sigmund Freud e que este, ao ver seu neto com carretéis, descobriu que o menino estava brincando de ir e vir porque sua mãe havia saído e ele sentia falta dela. Nesse momento, pergunta-se ao grupo se alguém já sentiu falta de alguém ou de alguma coisa que perdera. Diz a menina lara: “Eu perdi o colo”. A mãe fica mobilizada e diz: “Mas filha... eu ainda te dou colo”. Ao que a pequena retorna: “Mas aquele colo de quando eu era bebê, não tenho mais”.

Podemos arriscar dizer que, quando a menina fala da perda do colo, as referências do primeiro tempo constitutivo, os objetos primordiais estão inscritos, o recalque e o narcisismo instaurados. Com isso, as condições egóicas dão conta da aceitação da castração ao dizer o que perdera, diferentemente do que ocorre na neurose traumática, em que há intensidades excessivas e o ego não dá conta da elaboração psíquica, quando o sujeito sofre um choque externo.

Paulo Endo, autor que trabalha o tema da violência no livro *A violência no coração da cidade* (2005), menciona que a intensidade do estímulo externo pode ser definida como uma “alteração profunda no princípio que rege a atividade psíquica, alterando completamente os modos de defesa do ego” (ENDO,

2005, p. 133). A partir disso, podemos nos perguntar sobre como fica o sujeito em constituição quando, em um lugar como a escola, lugar de proteção e aprendizado, há um choque movido pela violência. “*Como eu vou tirar isso da cabeça da minha filha?*” – haveria resposta ao pai da menina?

Entendemos que, quando o ego ainda está em estruturação, com suas incipientes formas de ligação, a intensidade do estímulo externo rompe com as possibilidades de defesa. O psiquismo inundado pela via sensorial fica impedido de fazer ligações com o que fora inscrito e fixado previamente por se tratar de um recalçamento em vias de estruturação.

Embora seja apenas um recorte, ao refletirmos sobre a fala do pai, que motivou esta escrita, podemos imaginar que ele se pergunta sobre como encontrar um destino aos efeitos da violência vivenciada por sua filha, porque sabe da precariedade das condições psíquicas da criança e da necessária referência que sua presença amorosa possibilita.

O exercício da sexualidade em que aos poucos a pulsão vai se ligando a objetos, a partir do autoerotismo e do narcisismo com movimentos entre atividade e passividade, deixa o sujeito paralisado quando a dor é excessiva e o traumático da cena brutal presenciada fica sem lugar em função das intensidades que ultrapassam a possibilidade de processar internamente o que interpela de fora. Por esse caminho, podemos recorrer ao texto *Pulsão e seus destinos* (1980d), no qual Freud nos fala do sadismo e do masoquismo, movimentos da volta contra si mesmo e da transformação no contrário, movimentos constitutivos do sujeito, sendo a partir da díade amor e indiferença que a borda eu-outro é possibilitada, e com isso o recalçamento e a sublimação podem se efetivar.

Num primeiro tempo, o bebê, com suas necessidades autoconservativas, está entregue na relação com o semelhante, passivizado; assim, a sexualidade do cuidador é impressa. Surge então a pulsão, o autoerotismo e, a partir disso, a possibilidade de buscar a satisfação no encontro com outro sujeito. Nesse processo, a atividade e a passividade estão em cena, sendo que, na assimetria com os cuidadores, a criança se coloca, quando a pulsão já está instaurada, de modo ativo com relação à meta, mas de alguma forma passiva com relação à posição do objeto de satisfação, especialmente porque o adulto cuidador é o responsável pela mediação psíquica (pais, educadores), dando conta daquilo que a prematuridade do ego da criança não consegue balizar. Freud, em 1915, discorre sobre o objeto:

O objeto da pulsão é a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade, é o que há de mais variável na pulsão, e originalmente não está ligado a ela [pulsão], só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá ser uma parte do próprio corpo do indivíduo (FREUD, 1980d, p. 143).

Quando a satisfação está em seu próprio corpo, ela é facilitada, justamente por ser autoerótica. No entanto, é no encontro com o outro que a criança amplia suas possibilidades de realização, ao reconhecer-se como alguém separado, e, então, busca a quem dirigir seus desejos.

Nessa trama, o adulto em cena tem o compromisso de realizar a ação específica, conforme Freud (1980c), sendo referência ética ao cuidar. Além da triangulação edípica e da constituição do superego, de acordo com Silvia

Bleichmar (2006), o modo como o adulto cuida é referência à construção do sujeito ético, sendo importante sua posição assimétrica, realizando a pautação. Juntamos os dois conceitos para pensar que, muitas vezes, o adulto maduro impedirá a satisfação, podendo propor a inibição ou o redirecionamento da meta, como o que ocorre na sublimação. Ou seja, ao pautar, o cuidador direciona a realização ou não de uma satisfação da pulsão. A sexualidade perverso-poli-morfa precisa ser balizada através de referência dos representantes da cultura, pela via amorosa e das identificações. Um exemplo seria quando uma criança quer ver o corpo e os genitais de outra criança, ou mesmo de um adulto, sendo importante o movimento de direcionar a curiosidade à alguma atividade lúdica. É tarefa das crianças fazer suas pesquisas sexuais e tarefa dos adultos se posicionarem. Com esses movimentos, o contrainvestimento entra em cena, possibilitando que o recalque e a sublimação se presentifiquem, movimentos ativos do sujeito em cena, a elaboração, o brincar e a criatividade.

No traumático, no entanto, há passividade com relação ao mundo externo, a capacidade ligadora do ego fica impedida, e o adulto inserido no contexto pode não estar em condições de ser referência, realizar a ação específica e a pautação. Quando o acontecimento trágico ocorre, o suporte interno da criança, ainda frágil, corre o risco do desmantelamento, desintegração. E quando a escola, lugar em que os cuidadores confiam a experiência de aprender em grupo e socializar, é usada como palco para ações desumanas, o excesso toma a cena, promovendo rasgos entre semelhantes. Cenas que destoam da alegria dos movimentos lúdicos e de aprendizado na escola, não havendo lastro imaginário que dê conta. A angústia do indizível se presentifica quando as intensidades internas não podem ser nomeadas, estão perdidas, havendo impedimentos no processo elaborativo.

REFLEXÕES FINAIS

O desamparo exige cuidado. O pai da cena descrita ampara com sua pergunta, cria espaço como no Fort-da, pois sabe da fragilidade egoica da sua filha, sujeito que se constrói e que precisa da sua mediação, da sua pautação, especialmente diante de tamanha violência presente na cena assistida pela menina. A angústia diante da violência precisa ser processada, posta em palavras, e o encontro e o amparo contribuem para isso. Podemos pensar na análise: não tiramos a dor de ninguém, mas acolhemos na escuta, dando um novo destino ao traumático. O sujeito, ao estar perdido de si mesmo, necessita encontrar-se com alguém, abrindo possibilidades de retomada de um caminho, com construções que façam sentido, ao ser convocado afetivamente. No jogo do Fort-da, Freud (1980a) encontra, no movimento que seu neto faz com o carretel, a possibilidade de sair da passividade da experiência. Com a atividade na brincadeira, o ritmo do ir e vir cria um espaço e o ego opera ativamente.

Para finalizar, um recorte de uma história que não se passa na escola, mas que serve de reflexão quando se trata de espaços que acolhem as crianças com o devido cuidado ético:

Em junho de 2023, a cidade de São Leopoldo, no RS, sofre os efeitos de uma enxurrada, fazendo o leito do rio sair do curso, alagando áreas ribeirinhas da cidade. Uma catástrofe natural, porém causada pelo aquecimento global. Em razão da enchente, o ginásio de esportes da cidade recebe dezenas de famílias flageladas, organizando espaços com colchões e alguns pertences salvos. A Secretaria Municipal de Educação (SMED da cidade) prepara um espaço com

material lúdico e, em seguida, as crianças organizam-se como se estivessem na escola. Profissionais da Sociedade de Psicologia do RS são convidados, através da Rede da Primeira Infância da cidade, a participar, intervindo no espaço.

A menina falante que podemos chamar de Ana se destaca no grupo de quatro crianças. Quando convidadas a pegarem livros de histórias, logo diz: “Já sei... cada uma lê uma história, depois a gente conta”. Minutos depois propõe: “E se a gente contar histórias nossas?” Com o aceite, ela mesma pergunta: “Posso começar?”. E então conta: “A gente estava dormindo, nem meu pai, nem minha mãe acordaram. O vizinho viu a água subir e atirou uma pedra no telhado, fomos para a casa dela [aponta para a menina ao seu lado], mas a água não parou de subir, aí veio um barco e trouxeram a gente para cá de caminhão. Acho que o vizinho nos salvou”.

A iniciativa ansiosa da menina, diante da possibilidade de contar, faz-nos refletir. Com sua força vital, ao ser escutada, propõe um modo de brincar/conversar, processar o indizível, podendo narrar o ocorrido traumático. A troca com pares, a escuta de um ao outro, num espaço que reproduz a cena da escola, espaço de cuidado e alteridade, cria as possibilidades elaborativas, especialmente no tempo de estruturação psíquica.

Com isso, pretendemos que esta escrita seja uma abertura para a reflexão acerca do traumático, ampliando possibilidades à construção subjetiva no encontro com o semelhante em que a ética do cuidado esteja sempre em cena.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, S. *A construção do sujeito ético*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BLEICHMAR, S. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2005.

CALDAS, Joana; GOMES, Cristiano. Pai de criança que presenciou ataque em creche de Blumenau chora: ‘como eu vou tirar isso da cabeça dela?’ *G1*, 5 abr.2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/pai-de-crianca-que-presenciou-ataque-em-creche-de-blumenau-chora-como-eu-vou-tirar-isso-da-cabeca-dela.ghml>>. Acesso em: 26 set. 2023.

ENDO, P. *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico sobre as violências na cidade de São Paulo*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2005.

FREUD, S. Mais além do princípio do prazer. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. p.11-85.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XXI)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. p.75-171.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980c. p. 315-360.

FREUD, S. Pulsão e seus destinos. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XIV)*. Rio de Janeiro: Imago, 1980d. p. 123-137.

LÉVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MACHADO, A. M.; FONSECA, P. F. Violência às escolas: reflexões. *Periscópio: Portal de Divulgação Científica do IPUSP*, 10 abr.2023. Disponível em: <<https://sites.usp.br/psicousp/violencia-as-escolas-reflexoes/>>. Acesso em: 26 set. 2023.